

A CIÊNCIA NA ASSESSORIA DE IMPRENSA: CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO NOTICIOSA SOBRE CIÊNCIA DE UNIVERSIDADES E CENTROS UNIVERSITÁRIOS NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Lucas George Wendt¹
Jane Marcia Mazzarino²

Resumo: Este estudo analisou a comunicação de ciência nas assessorias de imprensa (AIs) das Instituições Comunitárias de Ensino Superior (ICES) do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas – Comung entre janeiro e agosto de 2016. A amostra foi composta por 9.397 textos publicados nos portais de 15 ICES, dos quais apenas 1,03% abordavam pesquisas científicas em profundidade, totalizando 97 textos. A pesquisa, de caráter quanti-qualitativo, utilizou métodos exploratórios e descritivos, com base em análise documental e bibliográfica. Os resultados revelam que o jornalismo científico é subutilizado pelas AIs das ICES, com maior concentração de textos em três instituições (Univates, UPF e Pucrs). A comunicação de ciência, essencial para conectar a ciência ao cotidiano da população, é limitada pela predominância de conteúdos superficiais, falta de formação especializada e desafios estruturais das IES. O estudo conclui que o jornalismo científico é uma ferramenta estratégica para aumentar a visibilidade das ICES e promover o desenvolvimento regional, mas que ainda não é plenamente explorado pelas assessorias de imprensa. A pesquisa destaca a necessidade de uma maior profissionalização das equipes de comunicação e o desenvolvimento de pautas mais profundas para atender à demanda crescente do público por informações científicas e combater a disseminação de conteúdos pseudocientíficos. As ICES podem desempenhar um papel

-
- 1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCIN da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Também sou especialista em Comunicação Institucional pela Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul - Fadergs (2021); bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Caxias de Sul - UCS (2021); e bacharel em Jornalismo pela Universidade do Vale do Taquari - Univates (2017). Tenho interesse em comunicação e em ciência, em especial nos seguintes temas: comunicação científica, estudos métricos da informação, história da ciência, paleontologia, divulgação científica.
 - 2 Possui doutorado e mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005), graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991). Bolsista Produtividade CNPq PQ2. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) da Universidade do Vale do Taquari - Univates - nota 5 Capes. Professora dos cursos de Comunicação Social e Medicina, na mesma instituição. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Ecosofias, Paisagens Inventivas (CNPq/Univates).

-- ARTIGO RECEBIDO EM 23/09/2024. ACEITO EM 07/12/2024. --

crucial na transformação do conhecimento em inovação, desde que as barreiras à comunicação de ciência a sejam superadas.

Palavras-chave: Jornalismo científico; Comunicação de ciência; Comung; Universidades. Rio Grande do Sul.

SCIENCE IN THE PRESS OFFICE: AN ANALYSIS OF THE NEWS PRODUCTION OF UNIVERSITIES AND UNIVERSITY CENTERS CONCERNING SCIENCE IN RIO GRANDE DO SUL, BRAZIL

Abstract: This study analyzed science communication in the press offices (AIs) of Community Institutions of Higher Education (ICES) of the Consortium of Community Universities Gaúchas (from Brazil's state Rio Grande do Sul) – Comung between January and August 2016. The sample consisted of 9,397 texts published on the portals of 15 ICES, of which only 1.03% addressed in-depth scientific research, totaling 97 texts. The research, of a quantitative and qualitative nature, used exploratory and descriptive methods, based on documentary and bibliographic analysis. The results reveal that scientific journalism is underused by ICES AIs, with a greater concentration of texts in three institutions (Univates, UPF and Pucrs). Scientific dissemination, essential to connect science to the population's daily lives, is limited by the predominance of superficial content, lack of specialized training and structural challenges of HEIs. The study concludes that scientific journalism is a strategic tool to increase the visibility of ICES and promote regional development, but that it is not yet fully explored by press offices. The research highlights the need for greater professionalization of communication teams and the development of deeper agendas to meet the public's growing demand for scientific information and combat the dissemination of pseudoscientific content. ICES can play a crucial role in transforming knowledge into innovation, as long as barriers to scientific dissemination are overcome.

Keywords: Scientific Journalism; Science communication; Comung; Universities; Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O conhecimento científico, essencial para as sociedades da Era do Conhecimento, é gerado, gerido e disseminado principalmente pelas Instituições de Ensino Superior (IES), que se dedicam à realização de pesquisas. No entanto, para que esse conhecimento tenha impacto local ou global, ele deve ser comunicado de maneira eficaz. Isso é fundamental para validar inovações e descobertas científicas. As IES no Brasil são classificadas em públicas, privadas e as Instituições Comunitárias de Educação Superior (ICES), estas últimas regulamentadas em 2013. As ICES são entidades sem fins lucrativos e estão agrupadas na Associação Brasileira das Universidades Comunitárias (ABRUC). No Rio Grande do Sul, as ICES formam

o Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (Comung), que atua desde 1996.³

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), todas as IES devem desenvolver ensino, pesquisa e extensão, sendo a comunicação de ciência essencial para transferir os resultados dessas atividades para a sociedade. Nesse cenário, as assessorias de imprensa (AI) desempenham um papel importante na mediação entre as instituições e o público, promovendo a comunicação de ciência.

Essas assessorias, presentes nas IES, são responsáveis por comunicar a produção científica e eventos acadêmicos, como novas descobertas e estudos recentes. Quando essa comunicação é feita por jornalistas ou estudantes de jornalismo, ela assume as características do jornalismo científico - editoria tradicional do fazer jornalístico que, com o tempo, foi perdendo espaço nas redações. Essa especialização do jornalismo, que no Brasil se consolidou nos últimos 40 anos, é uma forma de traduzir a ciência para um público mais amplo, surgindo em um contexto de avanços em áreas como exploração espacial, Geologia, Biologia e Medicina.

A comunicação de ciência envolve diversos atores, como cientistas que publicam em revistas especializadas ou apresentam em eventos acadêmicos, bem como entusiastas que, de forma autônoma, promovem a popularização do conhecimento. Museus, documentários e enciclopédias também são meios de comunicar a ciência. O jornalismo científico, por sua vez, apropria-se das informações científicas e as adapta aos formatos jornalísticos, tornando-as acessíveis para o público geral, como destacam autores como Massarani (1998) e Bueno (2009). Existem discussões sobre situar a prática jornalística como uma das formas de se divulgar ciência.

A difusão científica engloba tanto iniciativas voltadas ao público leigo quanto a disseminação científica entre pares, caracterizando-se como um processo mais amplo, referindo-se à totalidade das ações destinadas a popularizar o conhecimento humano - entre elas o jornalismo científico, a divulgação científica, a disseminação científica (comunicação feita entre os pares) e mesmo a produção noticiosa de conteúdo sobre ciência realizada por assessorias de imprensa.

Ao observar as IES do Comung, é possível analisar o papel e os desafios do jornalismo científico praticado pelas assessorias de imprensa dessas instituições. Essas assessorias são responsáveis por transformar o conhecimento acadêmico-científico em notícias e disseminar essa produção científica para a sociedade, legitimando as descobertas e fortalecendo a imagem das instituições. A hipótese central da pesquisa é que as IES do Comung utilizam o jornalismo científico em suas AI para divulgar a ciência produzida. No entanto, questiona-se: em que medida a produção de notícias pelas assessorias de imprensa das Instituições do Comung se ocupa da popularização da pesquisa realizada na Instituição?

3 Este texto é produzido com base em pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Univates entre 2016 e 2017.

O objetivo principal deste estudo é investigar a produção de notícias científicas nas IES do Comung. Os objetivos específicos incluem: a) a caracterização das notícias produzidas pelas assessorias de imprensa; e b) a identificação do quantitativo de produção de notícias jornalísticas sobre pautas científicas.

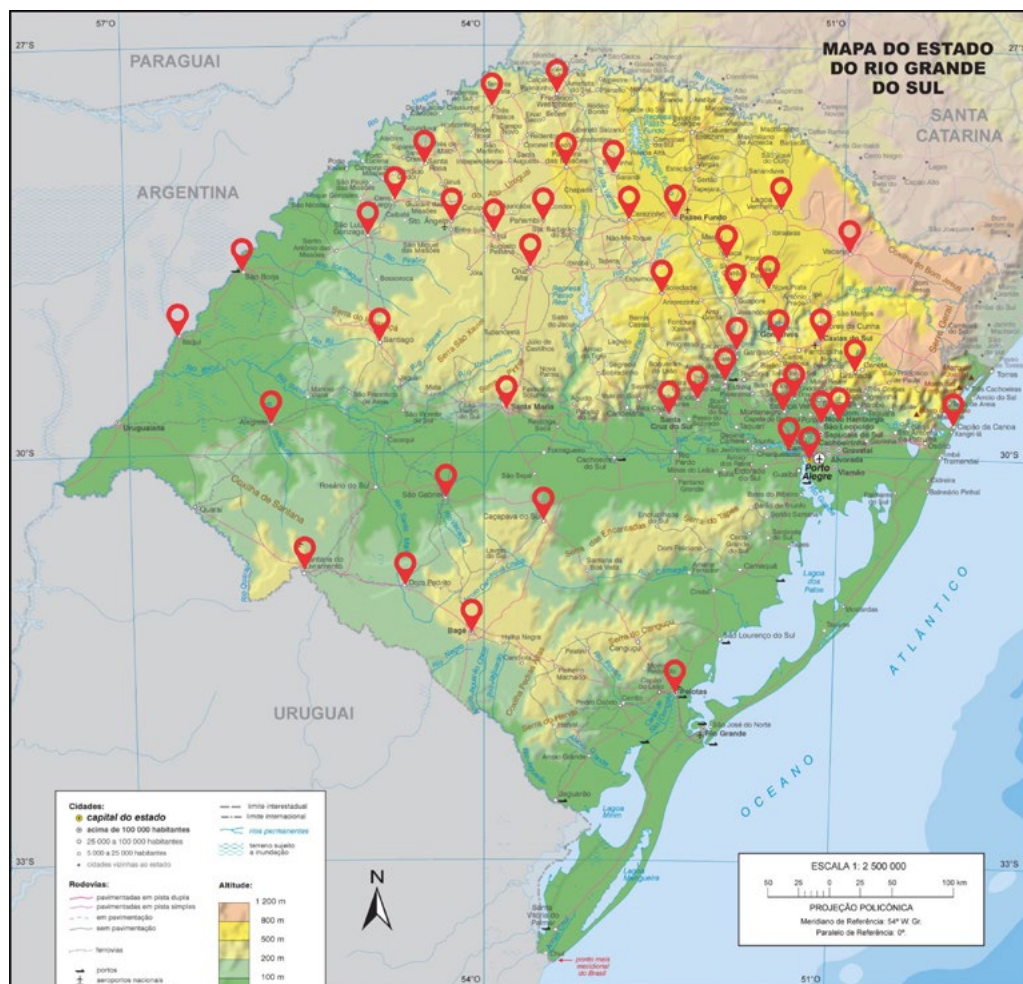
A pesquisa se concentra na análise do material produzido pelas assessorias de comunicação das IES do Comung durante um período de oito meses, de janeiro a agosto de 2016, buscando entender como o jornalismo científico é praticado. O Comung existe desde 1993, tendo sido oficialmente instituído em 1996. Composto por 15 instituições, abrange todo o Rio Grande do Sul. As IES parceiras formam o maior Sistema de Ensino em atuação no estado.

Atualmente, o Consórcio conta com as seguintes instituições: Centro Universitário Franciscano (Unifra), Universidade La Salle (Unilasalle), Centro Universitário Metodista- IPA, Centro Universitário Univates (Univates), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Universidade da Região da Campanha (Urcamp), Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade de Cruz Alta (Unicruz), Universidade de Passo Fundo (UPF), Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Universidade Feevale (Feevale), Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí)⁴.

Os professores e pesquisadores envolvidos nestas IES têm como norte trabalhar a partir da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão em Programas de Pós-Graduação, em Museus, em Hospitais e em centros de pesquisa vinculados diretamente ao Comung através das organizações coirmãs.

4 Os dados (a quantidade de instituições vinculadas ao Comung, os nomes das instituições e suas tipologias) referem-se ao momento em que a pesquisa foi realizada, em 2016.

Figura 1 - Distribuição geográfica destacando as cidades em que estão presentes as unidades das IES analisadas neste estudo



Fonte: reproduzido de Wendt, 2017.

A Figura 1 mostra a distribuição geográfica destacando as cidades em que estão presentes as unidades das IES analisadas neste estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo da história da humanidade, as ciências emergiram em diferentes momentos e lugares ao redor do mundo, de formas variadas e de maneira independente. Regiões como o Oriente Médio, China, Índia e Grécia Antiga foram algumas das civilizações onde, impulsionados por uma curiosidade insaciável e um pensamento investigativo, os humanos começaram a observar os processos naturais ao seu redor, buscando compreender a origem, a manutenção e o propósito da vida.

Diferentes maneiras de interpretar o mundo natural e seus fenômenos coexistiram por séculos, desde que os primeiros filósofos com uma inclinação científica começaram a atuar na Grécia (Oliveira, 2002). Com o tempo, o intercâmbio de ideias se intensificou, contribuindo significativamente para a atual diversidade intelectual da humanidade.

Embora a ciência busque a verdade, essa afirmação está aberta a questionamentos. Sua base repousa na observação e experimentação. Durante a Idade Média europeia, entre os séculos V e XV, a ciência estava vinculada à Igreja, como Oliveira (2002) aponta, com monges e sacerdotes sendo os principais detentores do conhecimento científico, que era desenvolvido nos ambientes eclesiásticos. Nesse período, a ciência começou a se institucionalizar como um campo social, acessível apenas a poucos. Hoje, na era da Sociedade da Informação, a ciência é uma atividade colaborativa e global, conectada ao Estado e ao setor privado. Universidades, institutos e centros de pesquisa, tanto públicos quanto privados, são os espaços onde a ciência é praticada.

Bourdieu (2004, p. 14), renomado sociólogo da ciência, destaca que “o mundo científico é um mundo social.” Segundo ele, a ciência está sujeita a diversos constrangimentos e possui suas próprias regras e estratégias, como se os ambientes científicos funcionassem como microcosmos sociais. Ele aponta que os agentes no campo científico atuam seguindo intenções, métodos e programas que são elaborados de maneira consciente. O conceito de campo científico, proposto por Bourdieu, leva ao surgimento do conceito de capital científico, que possui uma natureza simbólica. Esse capital funciona como uma espécie de crédito, atualmente muito relacionado a prestígio e reconhecimento acadêmico, que circula entre os membros do campo. Em termos simples, o domínio do saber científico confere ao pesquisador uma posição de destaque, distanciando-o das pessoas comuns e colocando-o em um patamar superior aos demais profissionais, que exercem outros papéis sociais (Bourdieu, 2004).

Entre os séculos XVI e XVII, ocorreu uma separação significativa entre a ciência, entendida como uma maneira rigorosa e objetiva de compreender os fenômenos naturais, e a filosofia. Esse movimento se consolidou com o surgimento e a aplicação do método científico, evento que os historiadores chamam de Revolução Científica. A partir desse momento, as práticas científicas passaram a exigir uma metodologia rigorosa e progressiva, na qual o avanço de uma geração dependia das descobertas feitas pelas gerações anteriores, seguindo procedimentos amplamente aceitos (Oliveira, 2022).

Nesse contexto, a ciência passou a ser vista como uma atividade essencialmente humana. As ideias geradas pelos indivíduos são compartilhadas e submetidas a testes, sendo confirmadas ou refutadas. Assim, o conhecimento científico é não apenas cumulativo, mas também profundamente colaborativo, ocorrendo por meio do intercâmbio de ideias e da comunicação. No século XXI, em uma sociedade cada vez mais interconectada, a ciência encontrou um ambiente propício para expandir-se rapidamente (Bourdieu, 2004).

De acordo com Bourdieu (2004), a ciência moderna ainda preserva traços de impessoalidade e universalidade, resultando em fatos científicos que são vistos como incontestáveis. No entanto, Caldas (2010) argumenta que essa visão de ciência como algo absoluto e definitivo já não possui a mesma força de antes. Uma das razões para isso é justamente a característica da ciência de ser universal, o que possibilita a constante atualização das práticas científicas por meio de novos conhecimentos desenvolvidos globalmente.

A institucionalização da ciência e sua gestão nos moldes atuais trazem desafios para nações que, de uma perspectiva capitalista, estão nas periferias da produção científica e da inovação. O país busca se posicionar de maneira competitiva no comércio global, e essa capacidade de competir está diretamente relacionada ao desenvolvimento de tecnologia inovadora para criar novos produtos e processos, à existência de instituições eficientes e à estabilidade macroeconômica. Para isso, é essencial que as universidades atinjam um nível de excelência, que os laboratórios de pesquisa sejam de padrão internacional, e que tanto o governo quanto a iniciativa privada invistam em pesquisa e desenvolvimento (Trindade; Prigenzi, 2002). O progresso tecnológico, portanto, depende fortemente de financiamentos públicos e privados. Além disso, o avanço científico continua vinculado à adoção de padrões e práticas universais que orientam a forma como a ciência é conduzida.

A produção científica só se torna efetiva se houver maneiras de comunicá-la a diversos públicos que influenciam o processo, garantindo que todos tenham a oportunidade de entender a informação científica. A importância da comunicação de ciência, conforme destaca Caldas (2010), vai além de sua simples disseminação; envolve também uma abordagem crítica e educativa que permita refletir sobre as práticas de produção do conhecimento e sua apropriação pela sociedade. Albagli (1996) sustenta que a ciência foi rapidamente integrada ao cotidiano das sociedades, pois foi compreendida e aceita pela população. Portanto, é essencial compreender como a sociedade percebe a ciência e assimila seus resultados, além dos tipos e meios de acesso à informação científica disponíveis. Caldas (2010), argumenta que cabe à comunicação científica entender as demandas da sociedade, interpretando-as e muitas vezes mudando a percepção de quem pensa nas políticas públicas da área de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I).

Em que pese dissensos conceituais acerca do jornalismo científico ser compreendido como uma das modalidades de comunicar ciência, neste trabalho o tomamos dessa forma. O jornalismo científico é a ponte que liga a ciência e o jornalismo como esforços humanos para entender, descrever e reportar a realidade, o mundo, seus processos e os seus fenômenos. Bertolli Filho (2006, p. 3) conceitua o jornalismo científico desta maneira: “um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo geral, que trata de temas de ciência e tecnologia e [...] torna fluida a leitura e o entendimento do texto [...] por parte de um público não especializado.” Em outros termos, seria uma ponte entre a sociedade e suas diversas instâncias e quem pratica a ciência nos laboratórios, nas universidades e nos institutos de pesquisa ao redor do mundo (Wendt, 2017). Seu papel, aponta Oliveira (2002), é o de democratizar o acesso do grande público às pautas complexas que

resultam de pesquisas e estudos científicos. Oliveira (2002, p. 28) escreve que “foi a partir de meados da década de 1940 que a ciência brasileira entrou definitivamente para a agenda do governo e da sociedade”, a partir de quando o jornalismo científico passou a ser mais praticado no País.

As instituições privadas que trabalham com pesquisa (universidades, centros de pesquisa, institutos) precisam comunicar suas ações, bem como os cientistas, para o público especializado ou não. Ao poder público, por meio de entes de Estado, como secretarias e ministérios, e das universidades, por sua vez, é importante divulgar seus investimentos em ciência como uma forma de demonstrar uma gestão transparente e preocupação com o progresso científico do Estado ou de determinada região (Wendt, 2017).

Para os atores da área de ciência, tecnologia e inovação, publicizar é importante já que, segundo Bertolli Filho (2006, p. 11), “na lógica do capitalismo atual, o marketing constitui-se em elemento fundamental de legitimação das atividades desenvolvidas pela ciência”. Este é um ponto importante para entender o caráter fundamental da existência de departamentos de comunicação institucional, relações públicas e assessoria de imprensa em, por exemplo, universidades como as que integram o Comung. É necessário estar socialmente ativo por meio da mídia, promovendo a divulgação de novidades que sejam relacionadas ao seu contexto de atuação (Wendt, 2017).

A relação entre cientistas e jornalistas apresenta desafios significativos, principalmente devido às diferenças na formação e nos papéis de ambos. Jornalistas enfrentam dificuldades ao escrever sobre ciência, pois precisam dominar assuntos complexos e avaliar criticamente informações de CT&I. Por outro lado, cientistas podem achar complicado interagir com jornalistas, o que pode comprometer a qualidade da comunicação científica. Segundo Cavalcanti (1995), há falhas de ambas as partes, enquanto Caldas (2010) e Chaparro (1990) destacam que tensões e desconfiança mútua são naturais nessa relação.

Apesar dessas dificuldades, o papel de ambos é relevante para a democratização do saber e o acesso à ciência. A comunicação entre jornalistas e cientistas é essencial para compartilhar conhecimento com o público em geral. Para isso, mesmo com os desafios envolvidos, é importante que ambos utilizem suas habilidades para garantir que a ciência chegue de maneira compreensível à sociedade, conforme ressaltam Caldas (2010) e Bertolli Filho (2006).

Em um ambiente jornalístico de assessoria de imprensa de organizações orientadas, também, à pesquisa, essas tensões aparentemente não são tão marcantes, uma vez que o jornalista e o cientista trabalham sob o mesmo viés institucional. Talvez um ambiente de colaboração mútua, nesses casos, seja mais fácil de ser construído em razão de os dois diferentes profissionais serem orientados ao sucesso e avanço da mesma organização (Wendt, 2017). As discussões entre os profissionais extrapolam os limites das situações meramente relacionais. Existem, também, quando o discurso jornalístico se apropria do discurso científico para a produção da

notícia, adequando-o às dinâmicas da redação, editando os contornos do *paper* de divulgação de resultados de pesquisa para transformá-lo em notícia (Wendt, 2017).

Para mediar o processo de tradução de fatos científicos em informação entre os campos científico e jornalístico, a maioria das instituições científicas possui assessoria de imprensa que intermedeia a relação com a mídia. Quando se fala das assessorias de imprensa, uma das questões que pode ser trazida para a discussão é o fato de que, não raramente, os *releases* enviados às redações vão parar exatamente da maneira como são escritos nas páginas do jornal e nos sites dos veículos de comunicação. Quando isso acontece, o público consome uma notícia embebida em *marketing* institucional, mesmo que de maneira sutil, já que, como exposto antes, é a promoção da imagem da organização que produziu o novo saber - o que é buscado pela assessoria de imprensa.

O surgimento das assessorias de imprensa remonta ao início do século XX nos Estados Unidos, sendo impulsionado pela necessidade das empresas e organizações em difundir suas atividades e informações ao público por meio do jornalismo, que se consolidou como um espaço público de socialização de discursos. Ivy Lee, assessor de John Rockefeller, é considerado o precursor das Relações Públicas (RPs) e da assessoria de imprensa. No Brasil, essas práticas chegaram após a Segunda Guerra Mundial, incentivadas por Juscelino Kubitschek, e ganharam força com o regime militar, que as utilizou para disseminar sua ideologia (Chaparro, 2009).

Ao longo do tempo, as assessorias de imprensa brasileiras se distanciaram das RPs e passaram a ser um campo fértil para jornalistas, criando uma experiência única no mundo. Essas assessorias têm como função facilitar a comunicação entre as organizações e a mídia, atuando como mediadoras e fornecendo conteúdos relevantes para serem divulgados, especialmente no ambiente online, onde a produção de notícias é cada vez mais importante para garantir visibilidade institucional (Chaparro, 2009).

Chaparro (1990) defende que as assessorias de imprensa devem se pautar por três princípios básicos: atender exclusivamente aos jornalistas, divulgar apenas informações de interesse público e facilitar o acesso a essas informações. Além disso, ele destaca o papel crucial dessas assessorias em instituições como as de ensino superior, que precisam comunicar suas pesquisas e inovações ao público, respeitando os padrões éticos e técnicos do jornalismo.

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como quanti-qualitativo. Quanto aos fins, se faz uso de recursos exploratórios e descritivos. Pesquisas exploratórias são construídas em campos nos quais o pesquisador não possui muita familiaridade com o tema. Por sua vez, as investigações descritivas objetivam expor características de populações, situações ou ocorrências. Quanto aos meios, este trabalho é de base analítica bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica utiliza-se de livros,

revistas, jornais e redes eletrônicas, por exemplo. Para este trabalho, o tipo de amostra selecionado é a não probabilística.

A amostragem não probabilística é definida por acessibilidade, uma vez que seleciona os elementos de acordo com a facilidade de acesso a ele. População é o conjunto de elementos que possuem as características para serem objetos de estudo. A amostra é composta por documentos (textos online). Os documentos a serem analisados serão os textos produzidos pelas AI das universidades ligadas ao Comung durante o período de 1º de janeiro a 31 de agosto de 2016. A coleta foi realizada em setembro de 2016. Sobre os dados coletados na pesquisa documental, procedeu-se à análise textual dos títulos. Moraes (2007) aconselha que é preciso assumir a perspectiva de que toda a leitura de texto, mesmo sendo ela uma análise, é uma interpretação, portanto: jamais é objetiva e neutra.

Para realizar a coleta dos textos, foi necessário percorrer página por página na seção de repositórios de notícias nos sites das Instituições de Ensino Superior (IES), de forma regressiva, examinando todos os títulos e, em muitos casos, os textos. Isso ocorreu porque nem todos os portais ofereciam a opção de pesquisa automática por termos como “pesquisa”, dificultando a localização dos registros. Em alguns casos, os sites exibiam, entre os resultados, páginas internas do próprio portal e outros tipos de publicações e arquivos que, embora não fossem notícias, também haviam sido publicados no período.

Outro fator importante que motivou a escolha pela pesquisa manual e regressiva foi o fato de que, no site da Universidade Feevale, por exemplo, alguns textos estavam disponíveis em espanhol e inglês, além do português. Nesses casos, a coleta de dados exigia o uso de termos como “research” e “investigación” em vez de apenas “pesquisa”. Além disso, limitar a pesquisa à palavra-chave “pesquisa” poderia resultar em uma filtragem superficial, já que o termo nem sempre é mencionado no corpo do texto. Assim, outros termos, como “estudo”, “investigação” e “artigo”, precisavam ser incluídos no escopo de busca, considerando que títulos de matérias jornalísticas frequentemente utilizam sinônimos. No entanto, essa ampliação de termos poderia comprometer a precisão da coleta.

Durante esse processo, foi possível observar diversas diferenças na maneira como as Instituições do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (Comung) gerenciam suas notícias. Embora haja similaridades na estrutura dos portais, muitos deles apresentam distinções notáveis. Outro aspecto relevante é como as universidades do Comung armazenam suas notícias e disponibilizam ferramentas para o acesso a esses dados, que representam a memória institucional e refletem a história da instituição. Essas notícias preservam o legado da organização e são um reflexo dos acontecimentos que moldaram seu presente.

A coleta realizada para esta investigação analisou 9.397 textos publicados nos sites das 15 ICES do Comung durante o período de 1º de janeiro a 31 de agosto de 2016. Foram considerados, por possuírem produção jornalística regular, além dos sites oficiais das IES, os sites das unidades e extensões acadêmicas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), as estruturas multicampi

da Universidade de Passo Fundo e da Universidade de Caxias do Sul (desta última o Hospital Geral de Caxias do Sul também), o Hospital Universitário São Francisco de Paula (HUSFP), da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), os sites do Inovapucrs (portal que reúne informações sobre a rede de inovação e tecnologia da Instituição, entre elas a Raiar – Incubadora Tecnológica), do Hospital São Lucas (HSL) e do Museu de Ciências e Tecnologias (MCT) (Wendt, 2017). A análise iniciou com a separação dos textos por instituição, para qualificação da produção jornalística de comunicação de ciência de cada uma das ICES. As categorias emergiram com base nas similaridades existentes entre os textos e são as seguintes, conforme elucidadas no Quadro 1:

Quadro 1 - Categorias de análise dos textos publicados nos portais institucionais

Categoria	Descrição
Categoria A	Premiações recebidas por indivíduos relacionados com a Instituição: nesta categoria foram incluídas as distinções acadêmicas recebidas por pesquisadores, alunos e demais agentes integrantes da comunidade acadêmica de cada uma das Instituições que tenham sido resultantes de atividades envolvendo pesquisa.
Categoria B	Participações em eventos por indivíduos vinculados à instituição: a socialização da produção científica de uma Instituição se dá de diversas maneiras, entre elas a apresentação de trabalhos e artigos que promovam resultados ou descobertas relativas ao andamento de determinada pesquisa em eventos. Esta categoria inclui todo tipo de movimentação com o objetivo de divulgar externamente a pesquisa ou trabalhos produzidos no âmbito da IES.
Categoria C	Defesas de TCCs, dissertações e teses desenvolvidos no âmbito da IES: as notícias categorizadas dessa forma foram aquelas cujo foco recaiu sobre a apresentação factual de determinado trabalho. Na maior parte, as notícias nesse sentido são notas, com poucos parágrafos e informações relativamente rasas.
Categoria D	Patentes registradas pela IES e lançamento de produtos desenvolvidos na Instituição: enquanto produtoras e gestoras de conhecimento e inovação, as universidades e centros universitários têm como um de seus compromissos a transferência da tecnologia resultante de seus processos de pesquisa e produção para a sociedade.
Categoria E	Lançamento de livros e publicações da IES: para se confirmar enquanto produtores de conhecimento e novos saberes é necessário que as ICES publiquem, não só em periódicos externos (anais de eventos, revistas nacionais e internacionais, entre outros), mas também seja gerente de suas próprias publicações. Para isso existem nas universidades e centros universitários a figura das Editoras Universitárias.
Categoria F	Divulgação de ações relacionadas à pesquisa na IES: é a categoria mais abrangente deste estudo, uma vez que contempla toda a iniciativa que tenha por objetivo incentivar a pesquisa dentro da instituição. Nessa direção, ações de internacionalização no âmbito da pesquisa, parcerias com outras instituições nacionais e estrangeiras para desenvolvimento de estudos, movimentações acadêmicas e ações de alunos, professores e funcionários, dentre outras estão relacionadas nesta parte da investigação. Qualquer texto que tenha sido publicado no período selecionado e que tenha citado de maneira direta e clara a palavra pesquisa ou algum desdobramento relacionado às práticas de pesquisa da IES foi considerado para esta categorização.

Categoria	Descrição
Categoria G	Divulgação da pesquisa científica realizada na IES: é a categoria que abrange o objeto de estudo específico desta investigação – o texto jornalístico de divulgação científica. Foram consideradas, para a categoria, textos que tenham determinada pesquisa da IES e seus desdobramentos como pauta. As matérias relacionadas nesta categoria são textos que respeitam as normas jornalísticas, possuindo maior extensão e, frequentemente, maior número de fontes. Estruturalmente são organizados em torno da divulgação da pesquisa da IES. Podem conter discreta promoção do produto pesquisa da Instituição (destaca-se que, entre as funções de uma AI está vender a marca ou imagem da marca, o que é fundamental que ocorra indiretamente, por meio deste tipo de texto).
Categoria H	Notas sobre seleção de voluntários para participar de pesquisas desenvolvidas na IES: quando os pesquisadores da Instituição ou grupos de pesquisa recorrem à Assessoria de Imprensa para, por meio dela, fazer com que a comunidade regional conheça determinada pesquisa, assim incentivando a participação de membros enquanto voluntários em testes e experimentos.
Categoria I	Indicadores econômicos, demográficos e sociais/pesquisa econômica desenvolvida na IES: de diversas maneiras uma Instituição de Ensino Superior pode servir a sua comunidade. Uma delas é promovendo pesquisas que contribuam para o desenvolvimento da percepção dos indivíduos da comunidade regional sobre sua própria comunidade. Nesta categoria foram reunidos textos cuja orientação é divulgar dados resultantes de pesquisas e análises da realidade econômica de cidades e regiões de inserção.

Fonte: reproduzido de Wendt, 2017.

O Quadro 1 apresenta as categorias de análise dos textos publicados nos portais institucionais, sistematização que foi feita a partir da análise dos textos.

RESULTADOS

Todos os resultados encontrados a partir da pesquisa exploratória realizada nos sites da IES estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Levantamento de dados realizado entre agosto e setembro de 2016, e que abrange tudo o que foi publicado em cada site entre 1º de janeiro e 31 de agosto de 2016

Instituição Comunitária de Ensino Superior (ICES)	Total de textos publicados no período de 01/01/16 a 31/08/16 A	Textos fazendo referência direta à divulgação científica no período de 01/01/16 a 31/08/16 B	Categorias (de A a I)										
			C	D	E	F	G	H	I				
Universidade FEEVALE	704	48 (6,81%)	3	24	1	-	2	14	3	-	1		
Centro Universitário UNIVATES	804	81 (10,07%)	1	15	2	1	2	31	27	2	-		
Centro Universitário Metodista - IPA	283	13 (4,58%)	-	3	-	3	2	4	1	-	-		
Centro Universitário Franciscano - UNIFRA	49	6 (12,24%)	-	-	1	-	1	1	-	-	3		
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS	Site da PUCRS	596	72 (12,08%)	6	-	3	5	3	39	8	6	2	
	Site do Inovapucrs (sites agregados)	52	12 (23,07%)	2	-	-	4	-	6	-	-	-	
	Site do Hospital São Lucas	94	19 (20,21%)	1	1	-	-	-	5	-	12	-	
	Site Museu de Ciência e Tecnologia	8	1 (12,5%)	-	-	-	-	-	1	-	-	-	
Universidade La Salle – UNILASALLE	390	21 (6,38%)	1	6	1	1	2	10	-	-	-		
Universidade Católica de Pelotas – UCPEL	Site da UCPEL	497	41 (8,24%)	1	11	3	2	1	18	5	-	-	
	Site do Hospital Universitário São Francisco de Paula	89	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Universidade de Caxias de Sul - UCS	Site da UCS	247	49 (19,83%)	2	-	1	2	3	22	3	-	16	
	Site do Hospital Geral de Caxias do Sul	56	4 (7,14%)	-	2	-	-	-	2	-	-	-	
	Site do Campus de Vacaria	53	4 (7,54%)	-	-	-	-	-	1	-	-	3	
	Site do Campus do Vale do Café	41	1 (2,43%)	-	-	-	-	-	1	-	-	-	
	Site do Campus da Região das Hortênsias	40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Site do Campus de Farroupilha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Site do Campus de Guaporé	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Site do Campus de Região dos Vinhedos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Site do Campus de Nova Prata	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Universidade de Passo Fundo - UPF	Site da UPF	1623	138 (8,50%)	8	17	25	1	4	34	25	-	24	
	Site do Campus de Carazinho	32	2 (6,25%)	-	-	-	-	-	2	-	-	-	
	Site do Campus de Casca	20	3 (15%)	-	-	-	-	-	-	-	-	3	
	Site do Campus de Lagoa Vermelha	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Site do Campus de Palmeira das Missões	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Site do Campus de Soledade	28	2 (7,14%)	-	-	-	-	-	1	1	-	-	
	Site do Campus de Sarandi	24	1 (4,16%)	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ	373	25 (6,70%)	-	5	4	-	-	14	1	-	1		
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI	Extensão de Cerro Largo	43	7 (16,27%)	-	-	1	-	-	-	-	-	6	
	Site do Campus de Frederico Westphalen	603	42 (6,96%)	2	13	7	-	1	15	4	-	-	
	Site da Unidade da Reitoria	16	-	Nenhum resultado relevante encontrado									
	Site do Campus de Erechim	463	28 (6,04%)	1	10	-	-	-	10	7	-	-	
	Site da Extensão de São Luiz Gonzaga	155	4 (2,58%)	-	1	1	-	-	2	-	-	-	
	Site do Campus de Santo Angelo	412	58 (14,07%)	-	14	34	-	-	8	2	-	-	
	Site da Unidade de Santiago	Site antigo	268	6 (2,23%)	-	3	1	-	-	2	-	-	-
		Site novo	90	6 (6,66%)	-	3	1	-	-	2	-	-	-
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC	389	25 (6,42%)	2	5	1	6	1	9	1	-	-		
Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS	278	38 (13,66%)	2	-	1	6	1	21	7	-	-		
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ	480	31 (6,45%)	3	10	-	1	3	10	1	-	3		
Universidade da Região da Campanha - URCAMP	68	6 (8,82%)	-	1	-	-	1	1	1	-	2		
Total	9.397	794⁵	35	144	88	32	27	286	97⁶	20	65		

Fonte: elaborado pelo autor (2017).

5 8,44% dos textos publicados fazem referência à ciência.

6 12,21% publicados sobre ciência são divulgação pura). Em termos comparativos, 1,03% do total de textos publicados em todos os portais são sobre divulgação direta

A comparação das 15 Instituições de Ensino Superior (IES) está sintetizada no Quadro 1, que apresenta uma relação entre o total de textos publicados por cada organização, os textos voltados à pesquisa e, desses, os considerados mais relevantes para esta pesquisa – as notícias da categoria G. A classificação dessas notícias foi feita com base na leitura dos títulos e em uma análise preliminar das publicações nos sites. Ao todo, foram identificados 9.397 textos nos 40 sites analisados, correspondentes às 15 IES parceiras. Dentre esse total, 794 textos (aproximadamente 8,44% do total) estavam relacionados à comunicação científica e ao jornalismo científico.

A categoria G, que abrange textos escritos com maior cuidado por tratarem de pesquisas das IES abordadas com maior profundidade, conta com 97 textos no total. Esses textos representam 12,21% do total de publicações relacionadas à pesquisa nos portais. No entanto, quando se observa o percentual em relação ao total de textos publicados pelas IES, esse número é ainda mais baixo: apenas 1,03% das notícias publicadas visam divulgar pesquisas desenvolvidas pelas instituições.

É possível notar que esse número reduzido está relacionado ao fato de que muitas das IES não adotam uma política clara de comunicação de ciência, tratando as pesquisas como pautas esporádicas e factuais, sem uma estratégia integrada de comunicação. Isso é especialmente evidente em organizações de menor porte, que não possuem uma orientação estratégica para divulgar suas pesquisas. Por outro lado, as instituições de maior porte tendem a publicar mais textos em geral e, por consequência, mais textos relacionados às suas pesquisas.

Entretanto, essa tendência não é uma regra absoluta, como mostrado na última coluna do Quadro 1, que indica o número e percentual de textos da categoria G em relação ao total de textos sobre pesquisa. Instituições como a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, a Universidade de Caxias do Sul e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, apesar de serem relevantes no contexto estadual e nacional, apresentam um número relativamente baixo de textos publicados especificamente sobre suas pesquisas: foram 3, 7 e 8 notícias, respectivamente, em um período de oito meses. Esse número é considerado baixo quando comparado a outras instituições, como a Universidade de Passo Fundo e o Centro Universitário Univates, que publicaram 26 e 27 textos, respectivamente, no mesmo período - e também IES que não são tão lembradas em um contexto maior e mais amplo.

Quadro 3 - Resultado total dos textos publicados, textos relacionados à pesquisa de cada IES e textos da categoria G

Instituição Comunitária de Ensino Superior (ICES)	Total de textos publicados no período de 01/01/16 a 31/08/16	Textos fazendo referência direta à ciência no período de 01/01/16 a 31/08/16	Comunicação da pesquisa científica realizada na IES (G)
Universidade Feevale	704	48 (6,81%)	3 (6,25%)
Centro Universitário Univates	804	81 (10,07%)	27 (33,33%)
Centro Universitário Metodista - Ipa	283	13 (4,58%)	1 (7,96%)
Centro Universitário Franciscano - Unifra	49	6 (12,24%)	-
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Pucrs	750	104 (13,86%)	8 (7,69%)
Universidade La Salle – Unilasalle	390	21 (6,38%)	-
Universidade Católica de Pelotas – UCPel	586	41 (6,99%)	5 (12,19%)
Universidade de Caxias de Sul - UCS	439	58 (13,21%)	3 (5,17%)
Universidade de Passo Fundo - UPF	1754	146 (8,32%)	26 (18,43%)
Universidade de Cruz Alta - Unicruz	373	25 (6,70%)	1 (4,0%)
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI	2050	151 (7,36%)	13 (8,60%)
Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc	389	25 (6,42%)	1 (4,0%)
Universidade do Vale dos Sinos - Unisinos	278	38 (13,66%)	7 (18,42%)
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí	480	31 (6,45%)	1 (3,22%)
Universidade da Região da Campanha - Urcamp	68	6 (8,82%)	1 (16,66%)
Total	9.397	794 (8,44%)	97 (12,21%)

Fonte: elaborado pelo autor (2016).

Em relação aos textos, percebe-se como importante a produção de pautas que sejam aprofundadas, aproximando a produção dos textos do conteúdo das reportagens. Muito do que se verificou na pesquisa exploratória foram textos breves, com informações sucintas e sintetizadas, raramente enfocando em aspectos como, por exemplo, as extensões do estudo pautado na vida comunitária e os aspectos metodológicos da investigação em questão.

De maneira geral, é possível constatar que as IES publicam informações sobre a sua pesquisa, porém de maneira ainda pouco expressiva. Em algumas delas, segundo o que demonstra a Tabela 16, não foi possível encontrar textos que sejam sobre divulgação de pesquisas desenvolvidas. Em termos de Comung, pouco mais de 1% de um total de 9.397 notícias é um valor baixo, considerando que a pesquisa é uma área apontada como estratégica para a maior parte das organizações, que congregam milhares de pessoas em esforços de pesquisa. É necessário exercer a pesquisa e comunicá-la, isso é desenvolver o campo da investigação nas IES e, por consequência, no Consórcio.

A seguir, aprofunda-se a interpretação desses números com foco em alguns pontos: volume de publicações, relação com a comunicação de ciência e participação das instituições na promoção de suas próprias pesquisas.

O total de textos publicados no período de 01/01/2016 a 31/08/2016 varia significativamente entre as instituições. A Universidade de Passo Fundo (UPF) destaca-se como a maior publicadora, com 1.754 textos, muito acima da segunda colocada, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), com 750 textos, e da terceira, Universidade Feevale, com 704. Instituições de menor tamanho, como o Centro Universitário Franciscano (Unifra) e o Centro Universitário La Salle (Unilasalle), têm números mais baixos, com 49 e 390 textos, respectivamente. Esse volume de publicações pode ser interpretado como um reflexo do tamanho, da infraestrutura de pesquisa, e da ênfase de cada instituição na produção de ciência, uma vez que a tipologia da Instituição - se faculdade, se centro universitário ou se universidade - também influencia na ênfase que a pesquisa tem institucionalmente. Também, o número bruto de publicações não reflete diretamente a qualidade ou o foco em comunicação de ciência.

A segunda coluna do quadro foca nos textos que explicitamente fazem referência à comunicação de ciência. Essa métrica permite analisar o quanto da produção total está voltada para divulgar o conhecimento científico gerado. O percentual de textos que fazem referência à comunicação de ciência varia consideravelmente. A Pucrs (13,86%), a UCS (13,21%), e a UPF (8,32%) são instituições que, além de publicar em grande quantidade, têm uma significativa fração de seus textos voltados para a comunicação de ciência. A Universidade Feevale tem um percentual razoável de 6,81%, com 48 textos de um total de 704 publicações. Embora tenha um volume absoluto menor de textos dedicados à comunicação de ciência em comparação com instituições maiores, sua proporção não é negligenciável. Algumas instituições, como o Centro Universitário Metodista - IPA (4,58%) e o Centro Universitário Franciscano (Unifra) (12,24%), têm porcentagens menores, o que pode indicar uma menor ênfase ou foco em comunicação de ciência de forma direta.

A terceira coluna (que mostra a categoria G) é particularmente importante, pois mede a quantidade de textos que divulgam diretamente a pesquisa científica realizada na instituição, o que reflete a capacidade de uma universidade não apenas de produzir conhecimento, mas de promover suas próprias descobertas e inovação. A Universidade de Caxias do Sul (UCS) e a Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) têm uma proporção muito baixa de divulgação da pesquisa científica própria (3,17% e 1,54%, respectivamente). Isso sugere que, apesar de serem grandes publicadoras de textos acadêmicos, elas ainda precisam melhorar na promoção das suas próprias produções científicas.

Em contraste, a Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e a Pucrs estão entre as instituições que mais divulgam suas próprias pesquisas, com 12,19% e 7,69%, respectivamente. Esse dado aponta para uma possível prioridade institucional em promover suas inovações e resultados científicos. Outro ponto interessante é o desempenho do Centro Universitário Franciscano (Unifra), que apesar de seu baixo

número de publicações (49 textos no total), tem uma participação relativamente alta na divulgação de sua própria pesquisa científica (12,24%).

Um aspecto interessante a ser observado é a correlação entre o total de textos publicados e a proporção dedicada à comunicação de ciência. Algumas instituições que publicam um grande volume de textos (como a UPF e a Feevale) têm uma porcentagem relativamente menor de textos voltados diretamente para a divulgação científica. Já instituições menores, como o Centro Universitário Franciscano (Unifra), têm uma maior ênfase percentual na divulgação científica, especialmente de suas próprias pesquisas. A UPF, por exemplo, com 1.754 textos publicados, tem apenas 8,32% relacionados à divulgação científica. Isso pode indicar que, embora haja um grande esforço na produção de notícias, a instituição poderia focar mais na promoção de suas próprias pesquisas e no engajamento com a comunidade científica e o público.

Algumas instituições parecem não estar aproveitando plenamente o potencial da divulgação científica. As que têm baixos números tanto em termos absolutos quanto percentuais de textos voltados à ciência podem explorar novas oportunidades para aumentar sua visibilidade acadêmica e social. Centro Universitário Metodista - IPA e Centro Universitário Franciscano (Unifra), com baixos números absolutos e percentuais, podem enfrentar desafios em termos de infraestrutura de pesquisa ou apoio institucional para a divulgação científica. Já instituições como a Universidade Feevale e a Universidade de Caxias do Sul (UCS), que têm números significativos de publicações, podem explorar formas de alinhar sua alta produção com uma maior ênfase em ciência, especialmente na promoção de suas próprias pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divulgação científica, quando realizada por meio do jornalismo, contribui para que as Instituições de Ensino Superior (IES) cumpram seu papel social de transformar o conhecimento em inovação e promover o desenvolvimento da sociedade. De acordo com Massarani (1998) e Bueno (2009), o jornalismo científico é uma forma específica de divulgação científica, distinta da disseminação científica - que ocorre entre especialistas. Ele visa traduzir o conhecimento científico para um público mais amplo, tornando-o acessível. No contexto das IES que fazem parte do Comung, essa forma de jornalismo, praticada pelas AIs, é relevante para compartilhar o conhecimento produzido nas universidades comunitárias do Rio Grande do Sul.

O estudo partiu da premissa de que as IES praticavam a divulgação científica de maneiras variadas devido à sua diversidade, mas essa hipótese não foi completamente comprovada. A análise dos dados publicados pelas assessorias de imprensa de 40 sites ligados às instituições parceiras, entre janeiro e agosto de 2016, mostrou que apenas 1,03% dos textos eram focados em divulgação científica aprofundada. De 9.397 textos analisados, apenas 97 destacavam pesquisas conduzidas por 15 IES com alguma profundidade, com três delas (Univates, UPF e Pucrs) sendo responsáveis pela maior parte dessas publicações.

A pesquisa revelou que as IES do Comung, de modo geral, não aproveitam totalmente as potencialidades do jornalismo científico para divulgar suas produções. Exceto por algumas iniciativas isoladas, a maioria das instituições não utiliza o jornalismo científico como estratégia em suas assessorias de imprensa. As notícias publicadas são, em grande parte, breves e não exploram a profundidade que o jornalismo científico pode proporcionar, o que ajudaria a relacionar melhor os estudos com o cotidiano da população ao redor das universidades.

A ciência deve fazer parte da vida das pessoas para que seja percebida como relevante, mesmo por aqueles que não estão diretamente inseridos no ambiente acadêmico. O conhecimento e a compreensão das questões científicas são essenciais para o exercício da cidadania. No entanto, as IES enfrentam desafios relacionados à lógica mercadológica global, que exige adaptações para atrair estudantes e recursos, sendo a manutenção da imagem institucional um aspecto importante que poderia se beneficiar da divulgação científica.

A pesquisa também revelou que os departamentos de comunicação das IES do Comung, responsáveis por manter a relação com a mídia, gerenciam portais institucionais, redes sociais, produzem conteúdos para emissoras e publicam materiais internos. No entanto, a formação dos profissionais de assessoria e o uso estratégico das ferramentas de comunicação para divulgar a ciência são áreas que poderiam ser mais exploradas para dar vazão ao conteúdo científico gerado em cada IES.

As IES do Comung apresentam grandes disparidades em termos de capital humano e recursos para divulgação científica. Embora existam muitas ferramentas à disposição, as estratégias variam de acordo com a relevância social, gestão e potencial de pesquisa de cada instituição. O jornalismo científico pode, no entanto, aumentar a visibilidade e relevância das IES na mídia e junto ao público, especialmente por meio de pautas bem elaboradas que possam ser desenvolvidas com profundidade pela imprensa regional do entorno de cada organização de ensino e pesquisa.

Atualmente, o público tem um interesse crescente por ciência, especialmente em meio à disseminação de informações pseudocientíficas nas redes sociais. As assessorias de imprensa das IES têm a oportunidade de intervir nesse cenário, sugerindo pautas e produzindo textos aprofundados sobre as pesquisas conduzidas por organizações com impacto local. Contudo, o material enviado para as redações de veículos midiáticos precisa ser estratégico, com textos bem desenvolvidos, acompanhados de conteúdos complementares, como vídeos e fotos, para ganhar destaque.

O jornalismo científico nas assessorias de imprensa deve assumir um caráter mais próximo de reportagens densas e aprofundadas. No entanto, o que se observa com maior frequência são releases padrão com informações básicas, sem o detalhamento necessário para atrair a atenção da mídia e do público.

Em resumo, o Comung, como uma rede de instituições voltadas ao desenvolvimento regional, deveria promover discussões sobre a importância da divulgação científica nas IES. Embora algumas iniciativas de divulgação sejam

realizadas, a prática do jornalismo científico ainda não está amplamente difundida nas assessorias de imprensa dessas instituições. A falta de formação específica, a produção de conteúdos superficiais e os desafios estruturais das IES são obstáculos que precisam ser superados para que a ciência chegue de forma mais eficaz ao público.

Inegavelmente, o cenário mudou nos últimos oito anos desde a coleta de dados, com a disputa por mercado sendo mais acirrada entre as instituições, o que afeta aquelas pertencentes ao Comung, e levanta a hipótese de que a ciência tem sido cada vez menos pauta das AIs. Parte dessa mudança também se observa com o enxugamento das equipes das áreas de comunicação, fenômeno que sabe-se que ocorreu. Por outro lado, os desastres climáticos que assolam o RS têm tornado mais relevante a inserção das universidades comunitárias como protagonistas no campo da Ciência e, conseqüentemente, como veículos importantes para a promoção da divulgação científica.

Em que pese o fato de que os dados encontram-se situados em um recorte temporal, o ano de 2016, eles refletem um cenário até então não mapeado e são válidos, justamente, por permitirem interpretações que podem ser a base para estudos futuros que busquem atualizar o cenário investigado.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. **Ciência da Informação**. [S.l.], v. 25, n. 3, dez. 1996. ISSN 1518-8353. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639/643>>. Acesso em: 7 set. 2024.

BERTOLI FILHO, Claudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. 2006. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, UNESP. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

CALADO, Liliane de Andrade. **A Ciência no jornalismo impresso. Análise das reportagens do suplemento Milenium – Jornal Correio da Paraíba**. 2006. 135 f. Monografia (Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CALDAS, Graça. **Divulgação científica e relações de poder**. **Inf. Inf.**, Londrina, Paraná, v. 15, n. esp, p. 31 - 42, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583/6763>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Um modelo jornalístico de divulgação da ciência. **USP/INTERCOM**, São Paulo, v. 13, n. 62/63, p. 129-134, 1990. Texto digital. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/1348/1297>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

CHAPARRO, Manuel Carlos, in DUARTE, Jorge (Org). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MORAES, Roque; in GALIAZZI, Maria do Carmo, FREITAS, José Vicente de (org). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. 2ª edição. Ijuí: Editora Unijuí. 2007.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRINDADE, José Carlos Souza; PRIGENZI, Luiz S.. **Instituições universitárias e produção do conhecimento**. São Paulo Perspec. [online]. 2002, vol.16, n.4, pp.09-14. Texto digital. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000400003>. Acesso em: 28 ago. 2024.

WENDT, Lucas George. **Jornalismo científico em instituições comunitárias de Ensino Superior do Rio Grande do Sul**. 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 28 jun. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1882>. Acesso em: 18 ago. 2024.